



MUNDO FERREIRA SANTOS

Vin Burnham e os Parquímetros do Inferno

A criadora do guarda-roupa de “Evil Machines” desenhou os fatos de Catwoman, Batman e Penguin em “Batman Regressa”.

O palco está cheio de electrodomésticos com um ar maléfico. Aspiradores “retro” com óculos escuros, parquímetros infernais e fogões amalucados. Um enorme telefone de rodela, daqueles à antiga, sobressai no primeiro acto. É feminino, bonito, e até tem nele o número de telefone que antes ligava à casa de Vin Burnham, a criadora do guarda-roupa de “Evil Machines”, de Terry Jones. A última vez que Vinilla Burnham trabalhou em teatro foi em 1996, com Ricardo Pais no Teatro Nacional São João. E a última vez que trabalhou com Terry Jones foi no “sketch” da sua infame personagem Mr. Creosote, o muito obeso e glutão cliente que rebenta em vômito no restaurante de “O Sentido da Vida” (1983). Mas Vin Burnham, sentada sob o palco no espaço dos figurinistas, lado a lado com uma costureira semi-desaparecida sob o telefone/ vestido de balão ao qual cose um folho branco, fez mais coisas entretanto. Nomeadamente um inesquecível fato negro de vinil colado ao corpo de Michelle Pfeiffer em “Batman Regressa”, de Tim Burton, o “batsuit” para Michael Keaton ou a roupa de Penguin, no mesmo filme. “Tim Burton é uma pessoa maravilhosa. É muito, muito criativo e receptivo” às ideias daqueles com quem trabalha, recorda Vin Burnham no Teatro São Luiz. “É totalmente empenhado no que está a fazer, não tem um ego terrível como outros realizadores e é um verdadeiro artista, com uma visão única”. Vin não teme ser definida pela sua Catwoman, porque sabe que a sua longa carreira, com “Vento nos Salgueiros” ou o Leão das “Crónicas de Narnia” para a TV, os anúncios para a portuguesa Expo 98, na publicidade, “O Quinto Elemento”, no cinema, e “Evil Machines”, no teatro, falará por si. Com “Evil Machines” e um orçamento mais curto do que o que está habituada, pôde contar com a colaboração de Terry Jones até ao final. “Mesmo quando damos um figurino por

terminado, ele está sempre sujeito a alterações, dependendo da forma como se comportou em palco, por exemplo”. A imagética de “Evil Machines” é forte e quase pop. Burnham encara esta descrição como um elogio, porque tentou fazer algo “retro”, ao gosto de Terry Jones, mas não pôde fazer as coisas como idealizou. “Mesmo em ‘Batman’, esculpíamos cada fato, como um carro-protótipo”, recorda. Como isso não foi possível em Lisboa e tinha como objectivo um visual “convicente” e quase “aerodinâmico”, temia que as máquinas acabassem com um ar infantil. As máquinas femininas destacam-se e para Vin Burnham foram um alívio no meio de tanto aspirador e carro másculo. “Pensei muito nos homens que estariam na assistência e que tendem a saber muito sobre máquinas. Um folho e um brilho em alguns elementos foi um alívio e uma alegria para mim”. Como a bateadeira de ovos-odalisca, ou o telefone-dama antiga, todas a “evitar um visual contemporâneo” e mais próximas “de um regresso à nossa infância”. J.A.C.

“Pensei muito nos homens que estariam na assistência e que tendem a saber muito sobre máquinas. Um folho e um brilho em alguns elementos foi um alívio e uma alegria para mim”



ENRICH VIVES/PUBIO

A heroína, Nancy, pede ajuda ao avião-protótipo para chegar à Nuvem de Ferro, casa do inventor

